

Povos Indígenas e Meio Ambiente Amapá e Norte do Pará

PLANO DE VIDA DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE

Cerca de 7 mil índios vivem atualmente no município do Oiapoque, no norte do Estado do Amapá. Esta população está dividida em 39 aldeias situadas nas Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã e na cidade de Oiapoque. É formada pelos Galibi Kali'na, pelos Palikur, pelos Galibi Marworno e pelos Karipuna – povos etnicamente diferenciados entre si e que se reconhecem enquanto “povos indígenas do Oiapoque”. Esses povos apresentam semelhanças no modo de vida e em suas manifestações culturais, mas cada um mantém sua própria identidade e suas próprias formas de organização política e religiosa. Além disso, cada povo tem seu próprio território na região, controlando áreas situadas às margens de rios diferentes, que pertencem todos à bacia do rio Uaçá. Esses quatro povos que habitam a região do Oiapoque falam línguas aruak (os Palikur), carib (os Galibi-Kali'na) e patoá (os Karipuna e os Galibi-Marworno). Falam também português e francês, devido à proximidade com a Guiana Francesa.

As relações entre esses povos indígenas e outros setores da população regional são intensas e cotidianas. Foram estabelecidas ao longo de pelo menos quatrocentos anos de história de ocupação da região por diferentes nações européias, sociedades indígenas, populações de origem africana e setores sociais dos países que se formaram na América. Ao longo desse processo, os povos indígenas do Oiapoque foram desenvolvendo uma longa experiência de contatos e trocas inter-étnicas.

Nos últimos 40 anos, esse relacionamento se intensificou e os índios passaram a ocupar um grande espaço nas redes de relações da população urbana e regional, elegendo vereadores, participando do comércio local como importantes compradores e fornecedores de mercadorias, ocupando cargos da administração pública e participando do movimento indígena a nível local, estadual e nacional. Na década de 1970, os quatro povos indígenas do Oiapoque iniciaram um processo de articulação política, com a realização anual de grandes assembleias conjuntas. A grande vitória dessa organização coletiva foi a homologação de suas terras, em 1992, e a criação da Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque – APIO. Todo esse processo levou os índios a assumirem cada vez mais responsabilidades na gestão de suas

comunidades e no controle das políticas públicas que as afetam. À medida que o Brasil cresce, os povos indígenas enfrentam cada vez mais a necessidade de participarem da formulação e de fiscalizarem a execução de programas de desenvolvimento e políticas públicas. Para isso, precisam se organizar cada vez melhor e se capacitar para atuarem como protagonistas nos processos de mudança que a sociedade global cada vez mais lhes impõe.

Alguns exemplos dessas mudanças na região do Oiapoque são o atual crescimento do garimpo e do desmatamento. A pavimentação da BR-156, a construção da linha de transmissão de energia e da ponte entre Oiapoque e Saint Georges, além do projeto de hidrelétrica, trazem também grandes mudanças, como o aumento da população nas cidades e a especulação imobiliária. Apesar dessas grandes transformações na região, as ações de assistência em educação e saúde continuam sendo executadas sem planejamento e de forma precária.



Oficina de planejamento participativo na aldeia Santa Izabel.

Ana Paula N. Fonte, 2008.

Para diminuir os impactos dessas transformações na região, há tempos os povos e organizações indígenas do Oiapoque vêm buscando o apoio de um conjunto de instituições parceiras, governamentais e não-governamentais (Funai, TNC, Iepé, Eletronorte e GTZ, além de instituições estaduais e municipais), para a execução de alguns projetos de desenvolvimento e de fortalecimento de sua capacidade de ação e gestão. Entre esses projetos e programas de trabalho, podemos citar a formação de pesquisadores indígenas e gestores do patrimônio cultural indígena, a implantação do

Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque, o mapeamento participativo das terras indígenas do Oiapoque, a formação de agentes ambientais indígenas e o fortalecimento de associações indígenas. Porém esses projetos vinham sendo desenvolvidos sem muita articulação entre si, o que acabava reduzindo o seu potencial de fortalecer as comunidades indígenas para enfrentar os novos empreendimentos e problemas que vêm surgindo em sua região. Para melhorar essa situação, as comunidades e lideranças indígenas do Oiapoque, em diálogo com as instituições parceiras, resolveram elaborar um plano articulado de ações para a região, de modo conjunto, compartilhado e acordado entre todos.

“Nossos amigos verificaram que, se o uso do dinheiro das compensações não for bem planejado, este recurso será jogado fora. Resolvemos fazer estas oficinas (lugar onde se constrói as coisas) para construir nosso Plano de Vida. Temos várias etnias em uma mesma área, cada qual com sua particularidade. Por isso as oficinas foram feitas por área, ouvindo o povo de cada região. É em cima dessas especificidades que o Plano de Vida está sendo construído. Será feito um documento com todas as prioridades. O Comitê Gestor foi escolhido na assembléia com o objetivo de acompanhar os processos de compensação e mitigação. Tem representantes de todas as áreas (saúde, educação, política, meio ambiente, cultura etc), além de representantes das instituições envolvidas. (...) Vai ter um momento em que vocês vão ter que pensar em como querem a aldeia de vocês para o futuro. Para isso, é preciso planejar. Esta é só a primeira etapa, depois virão outras. Estamos dispostos a contribuir.” **Álvaro Silva**, Kariipuna, enfermeiro

Planejamento participativo do Plano de Vida

Foi assim que lideranças indígenas e parceiros discutiram e propuseram estratégias para a construção participativa de um Plano de Gestão Sócio-Ambiental dos Povos Indígenas do Oiapoque, apelidado de Plano de Vida.

O que é um Plano de Vida? É uma forma de descrever quais são nossos objetivos (ou seja, o que queremos para o futuro), organizar esses objetivos e descrever como esperamos que eles sejam alcançados. É como se fosse um grande projeto, que guiasse todas as ações de uma pessoa, ou de uma comunidade inteira, no rumo de um objetivo maior. No caso dos povos indígenas do Oiapoque, o objetivo maior é garantir uma boa qualidade de vida, tanto no âmbito social quanto no ambiental.

Para a elaboração desse Plano de Vida foi proposto e executado um planejamento participativo, ou seja, as propostas foram construídas coletivamente com a

participação direta dos principais interessados. Assim, as idéias, os objetivos, as prioridades, os problemas e soluções foram compartilhados e organizados por todos, procurando atender as necessidades e desejos de toda a comunidade. Oito etapas foram previstas para colocar o Plano de Vida em funcionamento: 1) articulação dos parceiros; 2) mobilização; 3) oficinas de planejamento; 4) validação pelas comunidades; 5) elaboração de projetos; 6) implementação dos projetos; 7) monitoramento participativo; e 8) avaliação da implementação do Plano de Vida. Todas essas etapas têm como objetivo principal definir de maneira clara e objetiva as mudanças necessárias para a melhoria da qualidade de vida dos povos indígenas da região.

“Esse trabalho nos fez lembrar de todas as nossas lutas e conquistas. O conteúdo e a dinâmica despertaram o nosso interesse. Conseguíamos captar nossos problemas e identificar os aspectos positivos e negativos. Isso só foi possível graças à ajuda de nossos parceiros. Já presenciamos muitas iniciativas de tentar ajudar os povos indígenas, mas muitas vezes foram feitas de maneira errada. Neste trabalho, participaram as lideranças e parte da comunidade. O relatório será uma ferramenta, mas o que vai ser feito depende de nós. Esta dinâmica contribuiu para o desenho de nossos sonhos, mas temos que querer torná-los realidade.” **Domingos Santa Rosa**, Galibi-Marwono, técnico agrícola

A proposta de elaboração do Plano de Vida foi apresentada e aprovada na Assembléia Geral dos Povos Indígenas do Oiapoque de agosto de 2008. Entre setembro e dezembro daquele ano, foram realizadas cinco oficinas e atividades de capacitação do comitê indígena eleito para a gestão desse plano. Esses eventos tiveram como objetivo estabelecer conteúdos e técnicas para o processo do planejamento participativo, preparando os povos indígenas para analisar a sua realidade e para identificar, monitorar e avaliar “projetos prioritários”. As oficinas também levantaram pontos que poderiam limitar ou potencializar as mudanças propostas pelos povos e organizações indígenas do Oiapoque, assim como os desafios de sustentabilidade dessas propostas.



Apresentação do Plano de Vida em Macapá.

Em fevereiro de 2009 o resultado sistematizado dessas oficinas foi apresentado e validado em uma Assembléia de Avaliação e Planejamento dos Povos Indígenas do Oiapoque. Para que o Plano de Vida pudesse produzir o efeito esperado, era necessário que ele fosse validado, ou seja, apresentando e aprovado em plenária pelos representantes das quatro etnias dos povos indígenas do Oiapoque e de suas organizações indígenas. A validação também incluiu um novo acordo com as entidades parceiras sobre o processo de implementação do Plano de Vida. O desenvolvimento dessas primeiras etapas foi avaliado pelos participantes como uma iniciativa muito feliz para o momento atual e como um processo adequado para pensar e discutir os problemas que preocupam os índios.



Mário Vilela - Funai, 2009.

Apresentação do Plano de Vida em Macapá.

Em agosto de 2009, os Povos Indígenas do Oiapoque e seus parceiros organizaram uma grande apresentação de lançamento da publicação dos resultados alcançados no processo de construção do Plano. Na publicação "Plano de Vida dos Povos e Organizações Indígenas do Oiapoque" estão registrados o modo como foram feitas as oficinas de discussão do Plano de Vida e as diretrizes e ações propostas pelas comunidades indígenas nas áreas de saúde, educação, produção, território, meio ambiente, cultura e movimento indígena. Para o lançamento, foram convidados representantes de várias instituições governamentais federais, estaduais e municipais, associações indígenas e organizações não-governamentais. A proposta do evento foi construir novas parcerias e novos compromissos coordenados em favor de uma melhoria na qualidade de vida interna, das ações externas e da sustentabilidade sócio-ambiental desses povos.

Para atingir esses objetivos, serão realizadas diversas oficinas de projetos que estejam alinhados com o objetivo do Plano. Esses projetos serão colocados em prática de acordo com o que foi planejado para cada um e com a disponibilidade de financiamento por parte das instituições parceiras. Pretende-se que esses projetos sejam monitorados e avaliados periodicamente, de modo a garantir que os objetivos sejam alcançados.

O processo de construção desse Plano de Vida representa a reafirmação da posição específica dos índios dentro da sociedade nacional, com direitos indígenas garantidos na Constituição, mas sempre em busca do fortalecimento de suas formas próprias de organização social, cultural e de conservação ambiental.

MUDANÇAS NA REGIÃO DE FRONTEIRA

Oiapoque é uma cidade do interior do Amapá, que fica a 600 km da capital do estado, Macapá. Até o final da década de 1970, a última cidade brasileira antes da Guiana Francesa só podia ser alcançada pelo oceano, saindo de Belém ou do litoral amapaense e subindo as águas do rio Oiapoque, que dividem o Brasil da Guiana Francesa. Nas décadas de 1980 e 90, a população de Oiapoque observou a distância que a separava do resto do Brasil ser gradativamente diminuída, com a abertura da BR-156 e com o aumento da presença do Estado nacional na região. Essa mudança foi acompanhada por uma intensa migração proveniente dos estados vizinhos, especialmente Maranhão e Pará. As pessoas se deslocavam para Oiapoque para trabalhar nos garimpos, que cresceram muito na região, ou para atravessar a fronteira em busca de uma vida mais confortável em território francês. Nos últimos 30 anos, a população urbana de Oiapoque passou de pouco mais de 2.000 pessoas para mais de 30.000 nos dias atuais.

Esse crescimento foi acompanhado de uma maior presença do Estado brasileiro na região, abrindo estradas, fundando municípios, fornecendo energia elétrica e inúmeros programas de educação e assistência. Entretanto, a maior parte dessas atividades públicas vem sendo realizada sem um planejamento adequado, sem estudos prévios e sem ações para evitar impactos sobre o meio ambiente e, sobretudo, sobre os povos tradicionais que lá vivem.



Mário Vilela - Funai, 2009.

Trabalho em grupo sobre as diretrizes do Plano de Vida, Macapá.

DIRETRIZES DO PLANO DE VIDA DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE

Saúde

- | Ampliar e reestruturar a infraestrutura física e administrativa das unidades de atendimento à saúde indígena.
- | Garantir a manutenção da infraestrutura física e administrativa e aquisição dos materiais necessários ao atendimento da saúde indígena.
- | Garantir o atendimento à saúde indígena com profissionais habilitados e qualificados.
- | Ampliar as ações de saneamento básico nas aldeias.
- | Garantir ações de assistência farmacêutica com respeito às práticas tradicionais indígenas.
- | Priorizar a formação e contratação dos trabalhadores indígenas para executar as ações de saúde indígena.
- | Promover a intensificação das ações de controle de endemias e doenças infectocontagiosas.
- | Garantir a imunização dos povos indígenas.
- | Garantir o deslocamento de pacientes indígenas para as unidades de atendimento à saúde indígena.
- | Garantir mecanismos de comunicação adequados ao atendimento à saúde indígena.
- | Fortalecer a participação da comunidade indígena, na elaboração, implementação, monitoramento e avaliação da política de saúde indígena.

Educação

- | Ampliar e reestruturar a infraestrutura física e administrativa das unidades de educação escolar indígena.
- | Garantir a manutenção da infraestrutura física e administrativa e dos materiais necessários ao funcionamento das unidades de educação escolar indígena.
- | Garantir a formação inicial e continuada de professores indígenas em nível médio e superior.
- | Garantir o acesso e permanência de professores indígenas em cursos universitários.
- | Garantir a produção, distribuição e utilização de material didático específico em línguas indígenas, bilingües ou em português.
- | Garantir o deslocamento de estudantes indígenas para as unidades de ensino escolar indígena.
- | Garantir o apoio político-pedagógico para o funcionamento das unidades escolares indígenas, em respeito à realidade de cada povo indígena.
- | Garantir a distribuição regular e de qualidade da merenda escolar, de acordo com os padrões alimentares de cada povo indígena.

Produção

- | Fortalecer o apoio ao desenvolvimento de atividades produtivas indígenas sustentáveis.
- | Garantir a formação inicial e continuada de profissionais

indígenas em áreas específicas em nível médio e superior.

| Promover a utilização de áreas desmatadas, com aumento de produtividade e recuperação florestal e produtiva das áreas degradadas.

| Apoiar as iniciativas de beneficiamento e comercialização de produtos de plantas nativas e cultivadas.

| Garantir a reprodução de animais da fauna nativa.

| Resgatar e conservar espécies tradicionais de uso indígena.

Território e meio ambiente

| Promover ações de ordenamento territorial, de promoção do uso sustentável e de proteção e conservação dos recursos naturais.

| Garantir o manejo adequado de animais silvestres.

| Garantir a gestão adequada dos recursos hídricos das terras indígenas de acordo com os conhecimentos e práticas dos povos indígenas.

| Garantir o manejo adequado dos recursos pesqueiros de acordo com os conhecimentos e práticas dos povos indígenas.

| Garantir a vigilância e fiscalização das terras indígenas.

| Garantir a mitigação e compensação dos impactos gerados pela implantação de empreendimentos nas terras indígenas.

| Aumentar a cooperação com países amazônicos vizinhos.

| Promover o desenvolvimento de atividades voltadas para o ecoturismo nas terras indígenas do Oiapoque.

| Garantir a implantação de infraestrutura nas aldeias.

Cultura

| Promover e valorizar a cultura indígena do Oiapoque.

| Registrar, documentar e gerir o patrimônio cultural indígena.

| Garantir a divulgação da cultura indígena do Oiapoque.

| Garantir o processo de produção artesanal.

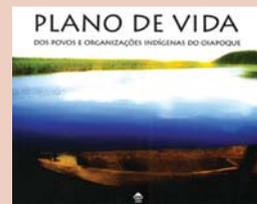
| Garantir a formação de indígenas para a pesquisa e gestão do patrimônio material e imaterial dos povos indígenas do Oiapoque.

Movimento Indígena

| Fortalecer a capacidade institucional das organizações indígenas para a execução de suas responsabilidades.

| Apoiar os mecanismos de transparência e participação social na tomada de decisões sobre os empreendimentos.

| Garantir a construção e o fortalecimento de parcerias para o desenvolvimento de ações junto aos povos indígenas.



O Boletim Povos Indígenas e Meio Ambiente – Amapá e Norte do Pará é uma publicação do Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena.

Conselho editorial: Denise Fajardo Grupioni, Dominique Tilkin Gallois, Lúcia Szmrecsányi e Luís Donisete Benzi Grupioni

Colaboração: Francisco S. Paes, Lux B. Vidal, Décio Horita Yokota e Alexandre Goulart (TNC)

Diagramação: Tipográfico Comunicação

Esta publicação foi possível por meio do generoso apoio do povo dos Estados Unidos através da Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (USAID). O conteúdo é da responsabilidade dos autores e não necessariamente reflete a visão da USAID ou do Governo dos Estados Unidos.

Apoio:



Escritório do Iepé em Macapá:

Av. Raimundo Alves da Costa, 1.689 – Bairro Santa Rita 68.900-074 - Macapá - AP
Tel (96) 3223 7633 - Fax (96) 3223 2052
sede-macapa@institutoiepe.org.br
www.institutoiepe.org.br